



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia alusiva à primeira solda do Gasoduto Urucu-Manaus

Manaus-AM, 01 de junho de 2006

Jornalista: Como é que foi a conversa com o Quércia? O senhor ficou contente com o resultado?

Presidente: Eu acredito que nós estamos chegando a um momento de decisão. Nós temos que saber o que cada partido quer. Eu tenho conversado muito com o Renan Calheiros, com o presidente Sarney. E o Quércia faz parte de uma corrente dentro do PMDB, que é importante, porque significa São Paulo. E eu conversei com o Quércia. Eu fiquei satisfeito com a conversa, uma conversa boa, eu conheço o Quércia desde 1974, e eu disse textualmente para ele que o PT trabalha fortemente com a idéia de que haja uma aliança formal entre PT e PMDB. Se vai ser possível eu não sei, porque tem problemas nos estados, mas se nós permitirmos que o interesse regional, de um estado, atrapalhe um projeto nacional, uma aliança que pode consolidar forças políticas não apenas para disputar as eleições, mas para depois governar este país, será muito ruim. De qualquer forma, foi falado.

Jornalista: Ele saiu entusiasmado à beça. Não vai ter resistência no PT com relação a isso?

Presidente: Eu não sei. Eu acho que não se trata de resistência. Se tem divergências, as divergências serão superadas. Nós não podemos permitir que o interesse de um estado subordine um projeto nacional. Nós não podemos permitir, porque às vezes prevalece o interesse de um candidato a deputado,



às vezes prevalece o interesse de um candidato a senador que acha que a sua eleição é a coisa mais importante do mundo; às vezes interessa a um governador que acha que, eleito, o mundo está resolvido. Nós temos que fazer uma avaliação: o que é mais importante? Então, eu coloquei com muita franqueza. Nos próximos dias eu vou me dedicar a conversar com todos os partidos políticos para ver se é possível construir alguma coisa que permita, depois das eleições, fazer uma reforma política, transformar este país num país mais sério do ponto de vista da organização política partidária.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não entramos em detalhes porque essas coisas... isso é que nem acordo entre trabalhador e empregador. Você não pode ir dizendo o que você quer toda hora, porque cada vez que você abrir a boca, aquele passa a ser o patamar. Então, é preciso ter cuidado para saber o momento de dizer o tamanho do acordo.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: O José Alencar é um companheiro da mais alta qualidade. Eu sou grato a tudo que o José Alencar fez e vem fazendo. E o José Alencar estará em todas as minhas discussões políticas. Ainda ontem tive uma conversa com a bancada de Minas Gerais, para discutir o futuro das nossas ações em Minas Gerais. Foi muito boa a conversa com todos os partidos que participam do governo. E o José Alencar é um companheiro que cabe em qualquer lugar, desde o meu coração até a vice, até qualquer outro cargo.

Jornalista: Presidente, se não for possível uma coligação formal com o PMDB, essa conversa pode prosperar num apoio formal depois?



Presidente: Pode. Todos nós aprendemos que a política é mais dinâmica do que qualquer outra coisa, ou seja, aquilo que é impossível hoje se torna realidade amanhã. O que nós precisamos ter em conta é o seguinte: o Brasil está numa fase boa, o Brasil está numa fase em que, eu diria, está consolidando a sua economia. Vocês viram que a crise do Banco Central americano e da dívida pública americana não nos causou problema. Nós temos uma certa solidez, não tanto ainda quanto nós precisamos, mas temos uma certa solidez, temos reservas, o PIB está crescendo, o emprego está crescendo, o salário está crescendo, ou seja, o que nós precisamos no Brasil é mostrar para o mundo que nós somos sérios e que temos objetivos estratégicos para o país. Eu faço a minha parte e espero que cada partido faça a sua parte. E que a gente possa se apresentar ao mundo com essa solidez.

Jornalista: Mas está todo mundo dizendo que o senhor está gastando demais, o senhor está gastando com aumento de salário na véspera da eleição ...

Presidente: No Brasil é engraçado. Nós passamos três anos no governo fazendo um superávit mais alto no começo, e aí a manchete era a seguinte: “governo não gasta o que foi aprovado.” Este ano qual é o problema? Este ano, a partir de 30 de junho, você não pode mais fazer convênio com nenhuma prefeitura. Então, o que nós tivemos de opções? Nós tivemos as opções de gastar mais fortemente no começo do ano para garantir os nossos compromissos no segundo semestre. Isso é normal e sempre aconteceu.

Então, de vez em quando eu vejo: “gastou demais”. No outro: “gastou de menos.” Às vezes é engraçado, em dois jornais, as duas manchetes: um gastou demais e, o outro, gastou de menos. Veja, nós estamos fazendo aquilo que é necessário fazer no Brasil. É preciso parar com essa mania de achar que quando a gente dá um pouco de salário a gente está gastando, é preciso parar



com isso, de que quando a gente está colocando dinheiro na educação, a gente está gastando.

Veja, eu tenho uma predestinação, de fazer com que os pobres deste país deixem de ser mais pobres, e tem gente que acha que é gasto. Tem gente que acha que garantir que as pessoas comam três vezes ao dia é gasto; tem gente que acha que colocar as crianças na escola é gasto; tem gente que acha que investir em escola técnica é gasto, então, paciência. Eu não posso ficar brigando com a conceituação que as pessoas fazem disso.

O que eu acho é que o Brasil, para ser o país-potência que nós sonhamos, tem que investir muito, muito em educação, muito em salário, muito na agricultura, muito na indústria, porque o que a gente não fez agora, nós vamos gastar depois com os PCCs da vida. É só você analisar o preço de uma sala de aula e o preço de uma cela. É só você analisar o custo de uma criança e o custo de um presidiário que você vai perceber que tudo que a gente investir é pouco, porque ficamos muito tempo, durante quase meio século, não fazendo aquilo que deveria ser feito no Brasil.

Este gasoduto, em que vamos agora dar o pontapé inicial na obra, há mais de 20 anos sendo prometido, sendo reivindicado e as pessoas não fazem. Não fazem por quê? Porque é longe do eixo Rio/São Paulo, então, é difícil fazer as coisas no Brasil, é melhor fazer onde está fácil; e nós queremos que o Brasil seja mais equânime. Então, um gasoduto como esse, vai dar ao estado do Amazonas e à Região Norte, um potencial de desenvolvimento extraordinário. É uma obra cara? É. Isso é um investimento profundo, levou tempo, porque combinar o desenvolvimento com o meio ambiente exige mais competência nossa, mas as coisas vão acontecer.

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Mas veja, eu não posso responder porque até não fica elegante ele ser grosseiro, ele não tem jeito para ser grosseiro. Eu não tenho e também não quero. Agora, se as pessoas quiserem ser grosseiras, que sejam, eu vou continuar do jeito que eu sou porque eu acho que é assim que tem que ser.

Jornalista: O senhor não vai responder?

Presidente: Não vou, de jeito nenhum.

Jornalista: Nem hoje e nem durante a campanha?

Presidente: Nem durante a campanha. Durante a campanha eu quero que ele fale o que ele bem entender. Vocês estão lembrados que eu vetei a lei aprovada no Senado que proibia imagem externa porque eu quero que eles coloquem a CPI na televisão todo dia, toda hora, eu quero que eles coloquem as torturas que eles fizeram com muita gente lá. Eu quero que o povo veja. Está chegando a época do povo fazer uma aferição do que aconteceu no Brasil, para mim não tem problema nenhum, pode colocar. Eu tenho que colocar, na hora em que eu decidir ser candidato, nós vamos colocar o que nós fizemos neste país e vamos comparar com eles. Eles ficaram oito anos no governo e nós vamos colocar quatro contra oito. Vamos medir educação, saúde, transporte, estradas, ferrovias, linhas de transmissão, energia. Vamos comparar e deixar o povo, livremente, julgar.

Jornalista: E do outro lado, as CPIs...

Presidente: Do outro lado eles botam o que eles quiserem, porque quem não tem argumento, xinga. Um palavrório é bonito quando ele surge como força de expressão, mas quando surge como única alternativa dos adversários por não



ter como competir em realizações, passa a competir na baixaria, esse jogo eu não faço, porque eu vim de muito longe para chegar onde cheguei, sei o sacrifício que foi chegar até onde nós estamos, sei o que foi recuperar a capacidade de investimento deste país, da construção civil. Eu não tenho por que ficar nervoso. Eu não tenho nenhuma razão para estar nervoso e se eles tiverem que fiquem. Eu vou prosseguir a trajetória, me permitam inaugurar...

Jornalista: Depois daquela crise toda do ano passado, o senhor esperava estar na posição que o senhor está hoje nas pesquisas?

Presidente: Em nenhum momento vocês me viram abalado.

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Não é verdade. Veja, meu filho, eu sou um chorão de nascença. Eu chorei no dia que eu fui à Suprema Corte ser diplomado, que era o momento mais importante, eu chorei na Avenida Paulista, eu chorei na campanha, eu choro até com novela.

Jornalista: Obrigado Presidente.